

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NAS ESCOLAS

THE ROLE OF NURSES IN SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH EDUCATION IN SCHOOLS

Elayne Arantes Elias¹
Geovana Martins Silva²
Lethicia Marisol Da Silva Barrozo³
Marcelle Abrantes Freixo Faria⁴
Saulo Basílio Lopes⁵

Resumo: Objetivou-se identificar a função do enfermeiro em relação à educação em saúde sexual e reprodutiva e relatar o conhecimento sobre as IST no período da adolescência e o impacto de uma gravidez indesejada nesse período. Revisão integrativa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde com análise aprofundada de 13 artigos. Foi evidenciada a carência de informação entre os adolescentes, os comportamentos de risco com uso de álcool e drogas no momento do ato sexual, a não utilização de contraceptivos e o medo da AIDS. Foi revelado que os problemas socioeconômicos favorecem a ocorrência da gravidez na adolescência, um risco para a saúde materno-fetal. A falta de educação sexual situa a importância das ações dos enfermeiros e professores nessa abordagem, incluindo os pais nesse cuidado. Conclui-se que é preciso a corresponsabilização das ações em saúde para que o adolescente vivencie sua sexualidade de forma segura e consciente.

Palavras-chave: saúde sexual e reprodutiva; enfermagem; adolescentes.

Abstract: The aim of this study was to identify the role of nurses in relation to sexual and reproductive health education and to report on knowledge about STIs during adolescence and the impact of an unwanted pregnancy during this period. An integrative review was carried out in the Virtual Health Library with an in-depth analysis of 13 articles. The lack of information among adolescents, risk behaviors such as alcohol and drug use during sexual intercourse, non-use of contraceptives and fear of AIDS were highlighted. It was revealed that socioeconomic problems favor the occurrence of teenage pregnancy, a risk to maternal and fetal health. The lack of sexual education highlights the importance of the actions of nurses and teachers in this approach, including parents in this care. It is concluded that co-responsibility for health actions is necessary so that adolescents can experience their sexuality in a safe and conscious manner.

¹ Doutora em Enfermagem. E-mail: elayneelias@hotmail.com

² Graduada em Enfermagem. E-mail: geomsilva@gmail.com

³ Graduada em Enfermagem. E-mail: lethiciabarrozo97@gmail.com

⁴ Graduada em Enfermagem. E-mail: marcelleabrantefaria@gmail.com

⁵ Graduado em Enfermagem. E-mail: saulolopes@gmail.com

Keywords: sexual and reproductive health; nursing; adolescents.

1 INTRODUÇÃO

O período da adolescência é marcado por transformações significativas nos indivíduos. No que se refere aos comportamentos sexuais, inerentes à vida humana, estes são exteriorizados desde a puberdade e são intensificados na adolescência, desencadeando a adoção de condutas de risco e gerando situações onde o adolescente pode se apresentar vulnerável (NASCIMENTO *et al.*, 2022).

Esses aspectos da sexualidade precisam ser discutidos entre os jovens para que não existam tabus, preconceito e falta de conhecimento, que já são transmitidos entre as gerações. Para tal, o ambiente escolar se torna apropriado para tratar desse assunto, para que os jovens obtenham as informações claras e corretas, sem estarem dependentes de fontes informais. Alguns estudos até fazem proposições da temática da sexualidade estar integrada às ações educacionais, através do currículo escolar (SOUZA; GAGLIOTTO, 2023).

O início da vida sexual em ocasião de pouca informação acerca da saúde sexual e das infecções sexualmente transmissíveis (IST) somados aos comportamentos de risco (não utilização de preservativos, uso de álcool, tabaco e outras drogas e a multiplicidade de parceiros) elevam as chances de exposição a essas doenças, consideradas um problema de saúde pública. Uma vez instaladas, o profissional de saúde deve registrar as informações e proceder à assistência integral para diagnóstico, tratamento e acompanhamento paciente-parceiro sexual (SANTOS *et al.*, 2022).

Outro problema de saúde pública no Brasil é a gravidez na adolescência, com as maiores taxas em 2016, em relação à América Latina, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Os desfechos desfavoráveis maternos e neonatais para essa situação incluem: pré-natal incompleto, gravidez não intencional, intervalos curtos entre as gravidezes, prematuridade, baixo peso ao nascer, mortalidade neonatal, abortamento, pré-eclâmpsia, doença hipertensiva, dentre outros (ASSIS *et al.*, 2022).

Para as ações de saúde sexual, existe a atuação do Programa Saúde na Escola e um currículo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com a temática “Vida e Evolução”, que abarca o conhecimento dos Mecanismos Reprodutivos e a Sexualidade. A temática envolve os processos reprodutivos humanos, as peculiaridades da puberdade, os métodos contraceptivos, a prevenção da gravidez e das IST (MELO; FRANCO, 2022).

O PSE é uma política intersetorial do Ministério da Educação (MEC) com o Ministério da Saúde (MS), instituído através de decreto presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007 com a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública da educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde (BARRETO, 2020).

O PSE também tem objetivos, como: promoção da saúde e da cultura da paz, com a prevenção de agravos à saúde, integração de saberes, articulação das ações do Sistema Único de Saúde - SUS e das redes de educação básica pública, articulação entre as Políticas Públicas, enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, adoção de hábitos saudáveis, participação comunitária nas políticas de educação básica e saúde, dentre outros (BRASIL, 2007).

O enfermeiro é um dos principais profissionais atuantes na educação em saúde no PSE através de abordagens interativas, como as palestras, onde o diálogo é viabilizado. A temática perpassa pelas transformações físicas, psicológicas e comportamentais, pela sexualidade, pela prevenção da gravidez e das IST e pelas dúvidas quanto às experiências sexuais. Essas abordagens podem promover mudanças na realidade dos jovens, trazendo benefícios à saúde e ao bem-estar dos escolares (FRANCO *et al.*, 2020).

O papel do enfermeiro educador é auxiliar os adolescentes a tomarem decisões conscientes baseadas em informações claras, sendo um facilitador para estes. O ambiente escolar e familiar contribui para o desenvolvimento dessas ações para o planejamento de vida saudável e a definição de estratégias para prevenir comportamentos de risco e promover a saúde (APARICIO *et al.*, 2020).

A justificativa para esse estudo se dá pelo fato de que muitas adolescentes não têm suas necessidades de cuidados de saúde sexual e reprodutiva atendidas e que, em muitas ocasiões, o serviço de atenção primária à saúde não são atrativos aos adolescentes, distanciando a assistência e acarretando em gravidez não intencional, IST, pré-natal inadequado e outros problemas maternos e fetais, como: reincidência de gravidez na adolescência, doença hipertensiva e crescimento intrauterino restrito (CIUR) (ASSIS *et al.*, 2022).

Ademais, muitos adolescentes não conseguem se comunicar sobre o assunto com seus familiares devido a imposições e costumes pessoais, vergonha e constrangimento, o que ocasiona a busca de informações na internet. Tais impasses devem ser eliminados com a atuação da Atenção Primária em Saúde (APS), especificamente do enfermeiro (a), profissional elegível para as ações de orientação, utilizando meios criativos e didáticos, estimulando boas práticas de saúde e vida e respeitando os aspectos culturais e sociais desse público (NASCIMENTO *et al.*, 2022).

O estudo tem como questões norteadoras: Qual é a função do enfermeiro na educação em saúde sexual e reprodutiva? Qual o conhecimento dos adolescentes sobre as IST, a gravidez na adolescência e o impacto dela? E como objetivos: identificar a função do enfermeiro em relação à educação em saúde sexual e reprodutiva e relatar o conhecimento sobre as IST no período da adolescência e o impacto de uma gravidez indesejada nesse período.

2 METODOLOGIA

Estudo de revisão integrativa de literatura, método que sintetiza os estudos de determinado assunto e compara ideias sob a perspectiva do autor. Essa revisão segue direções criteriosas, como: escolha do tema e da questão de pesquisa, escolha dos descritores e da base de dados, busca e seleção das produções, leitura, análise e definição dos artigos a serem aprofundados, apresentação dos dados, análise e redação do artigo científico (HASSUNUMA *et al.*, 2024).

Busca realizada em 13 de fevereiro de 2023 e iniciada a etapa metodológica e analítica. Para iniciar a pesquisa, o presente trabalho buscou artigos relacionados ao tema. Foram selecionados e analisados 63 artigos, na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e utilizando os descritores em ciências da saúde: saúde sexual e reprodutiva, enfermagem e adolescentes. Após as leituras, foram escolhidos trabalhos cujos temas

estivessem relacionados ao papel do enfermeiro no cuidado à saúde do adolescente, utilizando ações educativas para orientá-los quanto à promoção da saúde, às infecções sexualmente transmissíveis e à gravidez não planejada.

A pesquisa resultou em 63 artigos dos quais, após a leitura criteriosa, foram selecionados 13 artigos, sendo 6 relacionados a escolas, 2 relacionados a gravidez na adolescência, 4 relacionados a enfermagem e 1 relacionado a saúde sexual e reprodutiva. O ano de publicações das produções variou entre 2010 a 2022.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 13 artigos e foram divididas as categorias temáticas discutidas a seguir.

O ambiente escolar e a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes:

Foi evidenciada em todos os artigos a carência de informação entre os adolescentes por falta da realização da educação sexual. Foi percebido nas pesquisas que os adolescentes não possuem o conhecimento acerca dos métodos contraceptivos e dos perigos da má e/ou da não utilização dos mesmos, como a ocorrência de IST e da tão complexa gravidez na adolescência.

Foi discutida também, a relação da utilização de álcool e drogas antes, durante e/ou depois da relação sexual, uma prática agravante e como isso pode impactar a vida do adolescente e no sexo seguro. Diante disso, é ressaltada a importância da educação sexual com ações leves e adaptadas que prendam a atenção do adolescente e tragam conhecimento, através de profissionais capacitados para isso, com destaque para os enfermeiros.

O ensino de troca, onde não é somente o professor que detém o conhecimento e o aluno, um receptor, evidencia o aprendizado em conjunto. A educação em saúde é uma das atribuições do enfermeiro, integrado à equipe multidisciplinar, incluindo os educadores, faz parte do cuidado à população e deve respeitar a individualidade e a realidade de cada indivíduo. Através do PSE, algumas ações podem incluir encontros em formato de palestras e de rodas de conversas para a oferta de orientações e a troca de informações com os adolescentes, com o intuito de prevenir os riscos à saúde (RODRIGUES *et al.*, 2021).

O PSE visa à integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida da população brasileira nas escolas. Para consolidar essa atitude dentro das escolas, foi elaborada a metodologia das Agendas de Educação e Saúde, a serem executadas como projetos didáticos nas escolas, de acordo com o território e com o diálogo entre a comunidade escolar e a equipe de Estratégia Saúde da Família (ESF) (BRASIL, 2007).

Além disso, salienta-se aqui a importância do programa de saúde do adolescente (PROSAD) para a melhoria de saúde desse público, através de práticas educativas, tratamento e reabilitação, melhorar a qualidade do atendimento, “diminuir os conflitos e esclarecer questionamentos”, com ações que permitam a participação do adolescente na solução de problemas. Outro fator relevante é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

(PENSE), que apresenta dados, permitindo conhecer melhor o perfil da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes (RODRIGUES *et al.*, 2021).

A gravidez na adolescência:

Os artigos relacionados à gravidez na adolescência relatam a preocupação com a saúde pública, a necessidade da educação sexual nas escolas e a qualidade das relações familiares, que, em muitos casos, geram a desinformação desse adolescente sobre os métodos contraceptivos.

O início das relações sexuais para os adolescentes é interpretado como uma oportunidade de autonomia, porém observa-se o aumento do número de casos entre jovens de 15 a 24 anos com HIV positivo, devido a múltiplos parceiros sexuais, ao uso incorreto ou o não uso de contraceptivos de barreira, podendo culminar também em uma gestação não planejada, devido à falta de segurança na prática sexual. (MARANHÃO *et al.*, 2017).

As produções também revelam os problemas que a influência socioeconômica que essa gravidez precoce acaba acarretando. Enquanto adolescentes de classe média acabam não abandonando a escola e residindo na casa dos pais, adolescentes de classe baixa não possuem a mesma adesão à escola. Chegando à conclusão de que adolescentes que se mantêm nas escolas, possuem menos probabilidade de engravidar e é importante ressaltar que esses problemas socioeconômicos são, além da causa, as consequências da gravidez precoce.

Dados apontam a importância do ambiente escolar diante do fato de que a baixa escolaridade está relacionada ao início precoce da atividade sexual, o que aumenta as chances de gravidez não planejada e de agravos à saúde. Então, evidencia-se a necessidade de melhorar o nível educacional e o acesso de adolescentes à escola e de aumentar suas chances no mercado de trabalho, o que pode contribuir para “o adiamento consciente da gravidez” (ASSIS *et al.*, 2022).

O início precoce das relações sexuais, a não utilização de métodos contraceptivos e a falta de conhecimento podem levar a práticas que contribuem para o aumento do número de casos de gravidez não planejada na adolescência. Além do não planejamento, outros fatores desfavoráveis são apontados, como a não realização do número mínimo de consultas de pré-natal, o parto prematuro e o baixo peso ao nascer. Daí a importância das ações dos profissionais de saúde: acolhimento, busca ativa, atenção integral e educação em saúde, com a troca de informações, mesmo que o atendimento ao adolescente seja desafiador (RODRIGUES *et al.*, 2021).

Adolescentes grávidas, enquadradas em baixo nível de escolaridade e de classe social, têm maior chance de prematuridade e de parto prematuro espontâneo, fatores relacionados ao baixo acesso ao pré-natal, menos chance de diagnóstico e de intervenção em morbidades na gravidez. São imprescindíveis as políticas públicas voltadas para esse público e para a prevenção da gestação não desejada na adolescência (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Saúde sexual e reprodutiva:

As produções apontaram para o fato de a adolescência ser uma das fases mais importantes da vida, pois é onde se busca a identidade sexual, profissional e a formação

de valores, mas também, o período de maior vulnerabilidade no campo da sexualidade. Essa vulnerabilidade se dá por conta da falta de informações acerca da saúde sexual e reprodutiva, onde acaba ocorrendo o sexo sem proteção adequada. A gravidez foi pontuada pelos adolescentes como o principal temor em relação à vida sexual ativa, vindo logo depois, a AIDS.

Os pais foram tidos como os principais responsáveis por orientar os seus filhos e esclarecer dúvidas sobre a vida sexual, mas muitas vezes são omissos ou não estão preparados para orientá-los, e acabam deixando-os sob a influência dos meios de comunicação. Sehnem *et al.* (2019) relatam que os adolescentes, na maioria das vezes, têm sua sexualidade censurada e limitada por tabus, crenças, repressões familiares e preconceito e que eles precisam participar de todo o processo de promoção da saúde sexual e reprodutiva. Com isso, o profissional que realiza essas ações, sobretudo o enfermeiro, pode auxiliar na tomada de decisões conscientes e seguras no que tange à saúde sexual e reprodutiva, corresponsabilizando o adolescente em suas escolhas.

Diante da regulação da sexualidade do adolescente por seus familiares, regras de comportamentos são ditadas e as informações são limitadas, evidenciando a necessidade do recebimento dessas informações. Devido ao conhecimento insuficiente, a saúde sexual e reprodutiva deve ser abordada de forma rotineira por profissionais das áreas da saúde e da educação, principalmente no que tange à prevenção da gravidez indesejada e das IST, sobretudo a AIDS, referenciada como um medo pelos adolescentes. É papel da comunidade escolar e dos serviços de saúde essa abordagem, porém é importante que os pais não deleguem aos outros esse tipo de cuidado. O amparo à vida sexual na adolescência deve vir de todos (família, professores e profissionais da saúde) (ALVES; AGUIAR, 2020).

Quanto às infecções de transmissão sexual, seus conhecimentos se mostraram restritos, dentre as doenças que conhecem, a mais citada é a AIDS. Foi evidenciado que muitos possuem um pensamento equivocado quanto à possibilidade de contraírem o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), pois os mesmos creem que jamais serão infectados e ignoram as formas de transmissão dessa e de outras IST.

Dados apontam que no Brasil, uma avaliação das notificações das IST, entre 1980 e 2018, em adolescentes (faixa etária dos 10 aos 19 anos), evidenciou 22.416 casos de adolescentes acometidos pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, o que denominou a “juvenização da epidemia”. Sendo os adolescentes vulneráveis a alguns agravos na saúde, devido aos hábitos e comportamentos peculiares dessa etapa da vida, a APS é vislumbrada como uma estratégia de efetivação da saúde sexual e reprodutiva a ser melhorada (SEHNEM *et al.*, 2019).

A atuação da enfermagem e o cuidado na adolescência:

Foi possível pontuar que todas as produções concordavam que a adolescência é um período de transição para a vida adulta, de descoberta acerca da sexualidade e de alterações corporais, emocionais e sociais. Ficou claro então, a importância da enfermagem em dar orientações sobre a saúde sexual e reprodutiva, onde as escolas e a unidade de saúde, através da consulta de enfermagem, foram destacadas como os ambientes mais propícios para isso.

Foi definido que o enfermeiro tem o papel de estabelecer ações e estratégias para a prevenção de IST e a gravidez na adolescência, diante da falta de conhecimento e da curiosidade dos adolescentes. O exercício da enfermagem na atenção básica é considerado um dos mais importantes serviços prestados aos pacientes do SUS e o principal educador, pelo fato de ser o profissional que tem mais contato com a população atendida, responsável por desenvolver ações de promoção da saúde e criar um vínculo entre os usuários e a equipe de profissionais (SILVA *et al.*, 2019).

As limitações em promover a saúde sexual e reprodutiva expostas pelos enfermeiros estão relacionadas à falta de cuidado holístico, criando barreiras entre os pacientes e os prestadores de saúde (SEHNEM *et al.*, 2019). Outra dificuldade para a integralização da saúde é a desinformação dos usuários sobre o cuidado preventivo e a resistência na participação de atividades em grupo, ou que fogem do padrão medicalização/curativista (SILVA *et al.*, 2019).

O enfermeiro, no papel de educador na promoção da saúde sexual e reprodutiva, deve considerar ações saudáveis quanto aos diferentes pontos de vista, incluindo a abordagem às práticas sexuais interligadas ao afeto, ao prazer e ao respeito à própria sexualidade e à orientação sexual. A saúde sexual e reprodutiva deve abarcar as relações de gênero, afetivas, da autoestima e da imagem corporal que o adolescente tem de si mesmo e do outro (ALVES; AGUIAR, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu conhecer e compreender a carência dos adolescentes a respeito das informações sobre o autocuidado, e como o profissional de enfermagem deve facilitar esse autocuidado na adolescência. Foi possível identificar o papel do enfermeiro na promoção em saúde sexual e reprodutiva do adolescente em conjunto com as escolas, com ênfase no uso correto dos métodos contraceptivos e nas consequências de sua má ou não utilização, acarretando em IST e gravidez indesejada na adolescência.

Percebeu-se a importância do enfermeiro em construir um vínculo com os adolescentes, para buscar entender em qual situação o mesmo se encontra, a quais riscos ele está sujeito e suas experiências de vida sexual ativa. Dessa forma, é possível relatar os impactos futuros e de que forma isso poderá ser evitado, através de informações seguras acerca da saúde sexual e reprodutiva. Para isso, o enfermeiro deve estar capacitado e ter sensibilidade de também identificar a questão social e familiar dos adolescentes, pois isso possui muita influência na forma como o adolescente irá absorver determinada informação e como lidará com ela após recebê-la.

O estudo evidenciou a corresponsabilização das ações em saúde do PSE, situando professores, profissionais da saúde e familiares para que o adolescente receba suporte no exercício de sua sexualidade de forma segura e consciente. Contribuiu para que essas ações sejam reavaliadas quanto ao possível aperfeiçoamento, dentro das políticas públicas de saúde voltadas para os adolescentes. Contribuiu também para reforçar as habilidades profissionais dos enfermeiros quanto ao cuidado de saúde sexual e reprodutiva desde a graduação em enfermagem, contempladas nas atividades de extensão e nas demais atividades práticas curriculares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. H. DO V. de *et al.* Prematuridade e gravidez na adolescência no Brasil, 2011-2012. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 12, p. e00145919, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00145919>.

ALVES, L. S.; AGUIAR, R. S. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. **Nursing Edição Brasileira**, [S. l.], v. 23, n. 263, p. 3683–3687, 2020. Doi: 10.36489/nursing.2020v23i263p3683-3687.

APARÍCIO, G. *et al.* Estudo comparativo da percepção de resiliência por pais e crianças/adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/RMFJQrmjnyK3XQYrXt5mmhn/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 16 fev. 2023.

ASSIS, T. S. C. *et al.* Reincidência de gravidez na adolescência: fatores associados e desfechos maternos e neonatais. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 27, n. 08, pp. 3261-3271, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.00292022>.

BARRETO, R. Q. **Programa Saúde na Escola e as práticas intersetoriais das políticas públicas**. Monografia (Especialização em Educação e Políticas Públicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2021. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/23666/2/PDF%20-%20Ra%C3%ADsa%20Queiroga%20Barreto>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Decreto presidencial nº. 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Programa Nacional de Saúde na Escola. Brasília, DF. Diário Oficial da União, de 06 de dezembro de 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm Acesso em: 13 fev. 2023.

FRANCO, M. S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar, **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 14, p. e244493, 2020. Doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244493>.

HASSUNUMA, R.M et al. Revisão integrativa e redação de artigo científico: uma proposta metodológica em 10 passos. **Revista Multidisciplinar em Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 3, 2024. Doi: <https://doi.org/10.51161/integrar/rem/4275>.

MARANHÃO, T. A.; GOMES, K. R. O.; BARROS, I. C. Fatores preditores do abortamento entre jovens com experiência obstétrica. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, p. 494-508, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2016.v19n3/494-508/> Acesso em: 16 fev. 2023.

MELO, S. T. C. de; FRANCO, L. G. Educação em sexualidade na adolescência: uma análise de rodas de conversa em turmas do 8º ano do ensino fundamental. **Experiências em Ensino de Ciências**, v.17, n.1, p. 187-204, 2022. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/954>. Acesso em: 13 fev. 2023.

NASCIMENTO, D. E. M. *et al.* Sexualidade na adolescência: uma viagem para além do coito. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 37, p. 287–292, 2022. Doi: 10.24276/rrecien2022.12.37.287-292.

RODRIGUES, S. M. S. S. *et al.* O papel do enfermeiro na educação sexual dos adolescentes. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22498>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SANTOS, C. R. dos *et al.* Manejo de IST em adolescentes na atenção primária à saúde / Management of STIS in adolescents in primary health care. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 8012–8021, 2022. Doi: 10.34119/bjhrv5n2-349.

SEHNEM, G. D. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Av Enferm, Bogotá**, v. 37, n. 3, p. 343-352, 2019. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/78933>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SILVA, N. C. C. *et al.* Conhecimento e prática de promoção da saúde de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 5, n. 73, p. 1- 9, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/zHjjstjKpqMbr4SDYt3g83G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SOUZA, A; GAGLIOTTO, G. M. Sexualidade e educação: o papel da escola frente a sexualidade do adolescente. **Revista Faz Ciência**, [S. l.], v. 25, n. 42, 2023. Doi: <https://doi.org/10.48075/rfc.v25i42.31081>.